



## **Imagens de uma cidade sitiada: as fotografias de José Greco e a Revolução Federalista em Bagé-RS, 1893-1895<sup>1</sup>**

Aristeu Elisandro Machado Lopes\*

**Resumo:** A Revolução Federalista de 1893 foi um conflito armado caracterizado pela disputa política no estado do Rio Grande do Sul entre dois grupos ideologicamente diferenciados. De um lado estavam os apoiadores de Julio de Castilhos e, do outro, o grupo liderado por Gaspar da Silveira Martins. Batalhas e conflitos ocorreram em várias cidades do estado, entre as quais Bagé se destacou pela forma como a revolução ocorreu. Trata-se do cerco à cidade, promovido pelos federalistas. O cerco foi uma ação desencadeada durante a revolução, mas, também, uma atitude política, estratégica e simbólica. Resistir significava para os republicanos assegurar o controle da cidade de Joca Tavares e Silveira Martins, as lideranças dos maragatos. Já para os maragatos manter a cidade sob seu domínio representaria a retomada de um dos seus principais redutos. Os conflitos foram acompanhados pelo fotógrafo José Greco que os registrou em suas fotografias. As imagens capturadas por suas lentes apresentavam o cotidiano da cidade: os moradores caminhando entre as barricadas, as trincheiras erguidas nas ruas, as lideranças das batalhas e a catedral da cidade transformada em refúgio para os republicanos. Analisar as imagens da cidade de Bagé durante o sítio a partir das fotografias de José Greco é o objetivo desta comunicação. As fotografias permitem averiguar o comportamento dos bageenses durante e após os conflitos e apresentam a cidade transformada pela guerra com estabelecimentos comerciais e residências alvejadas e soldados armados nas ruas. Dessa forma, as imagens registradas por Greco revelam os resultados imediatos da guerra, mas, de igual maneira, constituem-se como parte relevante para a compreensão da história da Revolução Federalista de 1893 e fazem parte da memória da cidade, uma vez que o passado sobre o cerco ainda está presente em suas ruas, praças, esquinas, casas e na lembrança dos moradores mais antigos.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de um projeto maior intitulado: “Rememorando Combates: a Revolução Federalista de 1893 através de fontes textuais, visuais e orais no sul do Rio Grande do Sul” desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas sob a coordenação do autor e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS – através da concessão de auxílio recém-doutor.

\* Professor na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisa com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Contato: [aristeuufpel@yahoo.com.br](mailto:aristeuufpel@yahoo.com.br).



**Palavras-chave:** fotografia; cidade; Revolução Federalista de 1893; memória.

**Abstract:** Federalist Revolution in 1893 was an armed conflict characterized by political quarrels in the State of Rio Grande do Sul, between two groups from different ideologies. From one side there were Júlio de Castilhos's supporters, and from the other side the group headed by Gaspar da Silveira Martins. Battles and conflicts occurred in many cities in the state including Bagé city, which stands out for the way the revolution happened. It is the siege to the city by federalists, which was an act triggered during revolution, but also a political, strategic and symbolic attitude. For republicans, standing up to meant to assure control of Joca Tavares and Silveira Martins's city, the leaders of Maragatos. But for Maragatos, to keep the city under their command would represent the resumption of one of their main strongholds. The battles were followed by photographer José Greco, who recorded them in his pictures. These images presented the city's daily life, dwellers walking through barricades, trenches in the streets, the leadership of battles and the cathedral turned into refuges for republicans. The purpose of this communication is to analyze Bagé's images during the siege from José Greco's pictures. These images allow us to see the people's behavior during and after the conflicts, and present the city transformed by the war – its business establishments and houses targeted, and armed soldiers in the streets. Thus the images from Greco show the instant effects of war, but also are relevant to understand the history of Federalist Revolution of 1893, and are part of the city memories, once the siege is still present in its streets, squares, corners, houses and in former dwellers' memories.

**Keywords:** pictures; city; Federalist Revolution of 1893; memory.

## Considerações iniciais

A Revolução Federalista de 1893 se caracterizou como uma guerra civil e iniciada no Rio Grande do Sul. O conflito armado ocorreu devido às disputas políticas entre dois grupos ideologicamente diferenciados. De um lado, estavam os castilhistas apoiadores do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos; enquanto o outro lado, o dos federalistas, agrupou seus opositores comandados politicamente por Gaspar da Silveira Martins. Estes foram alcunhados de maragatos, numa referência ao local de origem dos irmãos Aparício e Gumercindo Saraiva, San José no Uruguai, colonizada por imigrantes da região da Maragateria, na Espanha



(WASSERMAN, 2004, p. 276). Já o grupo dos castilhistas foi identificado por seus adversários como pica-paus, já que os quepes republicanos lembravam o formato de um pássaro bicudo.

As divergências, contudo, não ficavam restritas somente aos adjetivos dados a um grupo pelo outro. A Revolução Federalista de 1893 foi deflagrada pela tensão ideológica entre eles e pela disputa do poder no estado. Em outras palavras, a existência de projetos políticos diferentes e, portanto, duas formas de condução do governo levaram o confronto ideológico e teórico para um outro, prático, de enfrentamento bélico.

Júlio de Castilhos aprovou em 1891 uma constituição de cunho autoritário baseada nos ideais positivistas, a base de seu governo e do seu Partido Republicano Rio-Grandense (FRANCO, 1996). Esta formulação de concentração do poder excluía os adversários do debate político, os quais estavam agrupados no Partido Federalista do Rio Grande do Sul fundado por Gaspar da Silveira Martins. Os correligionários do PRF passaram a ser perseguidos e muitas lideranças se exilaram no Uruguai e no litoral da Argentina e começaram a preparação da Revolução (COSTA, 2009, p. 7).

Os conflitos e enfrentamentos militares não ficaram restritos a determinadas regiões ou cidades do estado, mas foram espalhados por todo o território do Rio Grande do Sul e em seguida se estenderam para os estados de Santa Catarina e Paraná. A historiografia sobre a Revolução se deteve em uma análise mais geral ou, então, se direcionou às batalhas e repercussões no norte do estado<sup>2</sup>. Enquanto isso, a guerra desencadeada no sul ainda necessita de uma pesquisa dirigida à compreensão do seu desenvolvimento e consequências.

A análise que doravante será desenvolvida neste artigo tem por objetivo abordar um dos desdobramentos da Revolução no sul do estado – na região da campanha – em Bagé. Pretende-se averiguar duas fotografias sobre os combates realizados no espaço urbano da cidade durante os meses do cerco federalista que a cidade sofreu. As fotografias fazem parte de um conjunto fotográfico maior referente aos conflitos que foram acompanhados por José Greco (1863-1924), o fotógrafo que as produziu.

As imagens capturadas pelas lentes de sua câmera fotográfica apresentavam o cotidiano da cidade, os moradores caminhando entre as barricadas, as trincheiras erguidas nas ruas, as

---

<sup>2</sup> Sobre uma compreensão abrangente da Revolução Federalista de 1893 ver: (PESAVENTO, 1983), (ALVES, 1993), (FLORES, 1993) e (FRANCO, 2012). Já em relação aos conflitos no norte do estado consultar, sobretudo: (MONTEIRO, 2006).



lideranças das batalhas e a catedral da cidade transformada em refúgio para os republicanos. As imagens registradas por Greco revelam os resultados imediatos da guerra, constituem-se como parte relevante para a compreensão da história da Revolução Federalista de 1893 e fazem parte da memória da cidade, uma vez que o passado sobre o sítio sofrido por ela ainda está presente em suas ruas, praças, esquinas, casas e na lembrança dos moradores mais antigos.

## As fotografias de José Greco e a Revolução Federalista em Bagé

A fotografia surgiu com a era industrial, mas foi no século XIX que seus usos prosperaram. A partir da década de 1880, conforme aponta Annateresa Fabris, ocorre uma etapa de massificação da fotografia: “a fotografia se torna um fenômeno prevalentemente comercial, sem deixar de lado a sua pretensão a ser considerada arte” (FABRIS, 2008, p. 17). No Brasil, a maioria dos fotógrafos era estrangeira e instalaram seus estúdios nas principais cidades do Império. No Rio de Janeiro, por exemplo, o estúdio Buvelot&Prat, de Abraham-Louis Buvelot, foi o responsável pela maioria dos daguerreótipos da Família Imperial (LAGO; LAGO, 2005, p. XI)<sup>3</sup>. Em Porto Alegre os fotógrafos já estavam atuando desde a segunda metade do século XIX e no final do século se identificavam estabelecimentos de aproximadamente vinte fotógrafos (POSSAMAI, 2005, p. 41-42).

Contudo, cidades do interior, localizadas distantes do centro do Império, também contaram com estúdios fotográficos. Bagé foi uma delas. Um dos estúdios fotográficos foi o Nova Photographia de Amoretty e Poppe e o outro foi o Atelier José Greco (BRASIL, 2013, p. 66). A coleção de fotografias de José Greco que pertence a Fotoceca Túlio Lopes do Museu Dom Diogo em Bagé é diverso. Ela é formada por fotografias posadas de estúdio com famílias, casais, crianças, homens e mulheres; locais públicos como ruas e praças e uma parte se refere a Revolução Federalista de 1893.

O conjunto sobre a Revolução é variado. É possível encontrar fotografias das trincheiras que foram erguidas nas principais ruas da cidade; dos combatentes, fosse um grupo de lideranças, fosse apenas um líder específico e outras que mostram a movimentação das tropas se preparando para entrar em ação. As imagens registradas por ele não se restringem apenas a mostrar um dos

---

<sup>3</sup> Lilia Schwarcz coloca que o imperador era um apreciador da fotografia: “Partidário de experiências e novas modas, d. Pedro II fotografa e se faz fotografar com insistência, em especial a partir de finais da década de 50, quando a fotografia propriamente dita viria a substituir o daguerreótipo.” (SCHWARCZ, 1998, p. 351)



lados da revolução, mas sim os dois. É possível verificar tanto uma fotografia sobre a chegada de um destacamento militar republicano como outra com o General Aparício Saraiva e seus oficiais superiores. Contudo, essas fotografias não registraram os combates em andamento e seus combatentes em ação, mas identificaram os resultados ocasionados nas ruas e nas construções do espaço urbano.

Os cenários urbanos fotografados por Greco não apresentam apenas as ruas entrincheiradas em Bagé com seus estabelecimentos comerciais avariados pelos combates; as fotografias narram um momento da história da cidade. Como aponta Boris Kossoy, sempre há uma intenção para que elas existissem: “esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa” (KOSSOY, 2012, p. 47). No caso de Greco, parece que a primeira alternativa é a mais viável. Em outras palavras, o seu ato de percorrer as ruas da cidade e fotografar a preparação para o combate e os resultados deixados pelos enfrentamentos entre republicanos e federalistas durante os meses do sítio parece ter sido intencional, mas a partir de uma atitude própria. Essa hipótese se ampara, sobretudo, na produção variada das fotografias que se referem a ambos os lados da revolução. Sua atitude levou-o a registrar um dos episódios da guerra civil que grassava o estado e tornou suas fotografias um dos aspectos que possibilitam analisar a Revolução.

A maioria das fotografias feitas por Greco não apresenta as datas em que foram realizadas, contudo, se sabe que o período de maior tensão da Revolução Federalista no espaço urbano de Bagé ocorreu entre novembro de 1893 e janeiro de 1894. Neste momento, os republicanos estavam no controle da cidade e os federalistas objetivavam tomá-la. Na tentativa de obter êxito, as tropas comandadas por João da Silva Tavares, conhecido como Joca Tavares, promoveram um sítio à cidade. Enquanto isso, o comandante da Praça, Coronel Carlos Telles, cavava trincheiras e se preparava para defendê-la (FRANCO, 2012, p. 91). É possível considerar que as fotografias de Greco, em sua maioria, se referem ao período do sítio, sendo que apenas uma delas aparece datada como janeiro de 1894.

A tomada da cidade de Bagé não significava para os federalistas apenas uma vitória entre outras batalhas travadas com os republicanos. Concomitante, para os republicanos era importante manter a cidade sob seu controle. Bagé era uma estratégia política para ambos os lados, mas também simbólica. Primeiro, para os federalistas, significava tomar a cidade natal de sua



principal liderança política, Silveira Martins e também reduto da família dos Tavares, ou seja, a terra do comandante federalista Joca Tavares. Como aponta Sandra Pesavento, foi nessa cidade que Silveira Martins, ao retornar do exílio em 1892, promoveu uma convenção da qual se originou o Partido Federalista Brasileiro “formado majoritariamente pelos pecuaristas da região da Campanha, ligados ao comércio e contrabando na zona da fronteira” (PESAVENTO, 1983, p. 81).

Em segundo lugar, Bagé era ponto importante de contato com as demais regiões da campanha e com a fronteira, além de uma estrada de ferro que a ligava a Rio Grande, cidade também estratégica devido ao seu porto. Assim, para os republicanos, a defesa da cidade representava evitar não apenas que Bagé caísse nas mãos do inimigo, mas impedir a extensão da Revolução para Pelotas e Rio Grande, possivelmente aproveitando também da linha férrea. Se os federalistas tomassem o controle das três cidades, uma possível tentativa de invadir Porto Alegre poderia ser facilitada (SILVEIRA, 1993, p. 136).

José Greco havia chegado a Bagé em 1889 em um momento que a cidade começava a prosperar. A linha do trem havia chegado em 1884, as ruas passavam por reformulações e novas casas da elite charqueadora começavam a ser construídas (LEMIESZEK, 1997). Greco, contudo, também acabou envolvido pela Revolução e pelo cerco imposto à cidade e fotografou o espaço urbano bageense transformado pelos combates. Luisa Brasil, ao comentar as fotografias de Greco sobre a guerra em Bagé, salienta que elas foram “uma maneira de representar o que estava acontecendo naquele espaço”, ainda, segundo a autora, também é relevante considerar a iconosfera do fotógrafo, ou seja: “Não somente especializado em retratos ou paisagens que se tornariam cartões-postais da cidade, José Greco teve a intenção de fotografar o ‘acontecimento’ demonstrando interesse na sua realidade social” (BRASIL, 2013, p. 64). As duas fotografias que doravante serão analisadas vão ao encontro desta constatação, pois demonstram que os registros fotográficos realizados por ele não são meras fotografias ilustrativas sobre a cidade envolvida pela guerra e preparada para o conflito e, sim, apresentam a realidade social na qual o fotógrafo, e também morador, estava inserido.



A primeira fotografia registra o resultado do conflito em uma das ruas da cidade<sup>4</sup>. (Figura 1) Nela estão identificados dois estabelecimentos comerciais, a confeitaria A predilecta e a Livraria e Papelaria A Popular. A rua se transformou num local de batalha e as lojas foram transformadas em refúgios pelos republicanos ou, então, atacadas pelos federalistas. Nota-se que o segundo prédio, da livraria, foi mais destruído que o primeiro. A confeitaria teve os vidros de suas janelas quebrados e seu letreiro atingido. As paredes estão perfuradas pelas balas e uma parte da confeitaria, provavelmente atingida por uma bala de canhão, foi restabelecida com caixas de madeira na tentativa de resguardar os soldados que usavam o estabelecimento para proteção e contra-ataque.

Já a Livraria Popular ficou gravemente avariada, seu teto desabou, as janelas e portas desapareceram e parece que nada restou além da fachada e do letreiro. Este, pelo que se percebe na fotografia, foi o único detalhe que identificava que ali funcionava um estabelecimento comercial, já que ele parece estar intacto. É possível perceber no interior da livraria que as paredes estão sujas de vestígios de fuligem, o que denota o incêndio provocado.

---

<sup>4</sup> A fotografia não identifica o nome da rua, mas é possível que seja a Rua Sete de Setembro uma das principais da cidade e que desemboca na Praça da Matriz, ou seja, na zona guarnecida e entrincheirada pelos republicanos. O *Diário Popular*, de Pelotas, em 08/12/1893 noticia que uma coluna de federalistas adentrou a cidade pela rua Sete de Setembro: “A rua Sete de Setembro ficou cheia de cadáveres e de animais feridos, abandonados pelos assaltantes. Consta também que grande número de prédios daquela rua ficaram danificados”. Ressalta-se, contudo, que devido a inexistência da data da foto não se quer associá-la com a notícia do jornal, a qual serve apenas para exemplificar como a rua ficou após um dos confrontos entre republicanos e federalistas. A grafia da citação acima foi atualizada, assim como a das demais citações do jornal.





Figura 1: Estabelecimentos comerciais atingidos durante batalha.  
Acervo: Fototeca Túlio Lopes/Museu Dom Diogo. Bagé-RS.

O ataque à Livraria Popular foi comentado numa entrevista concedida ao jornal *Diário Popular* por um “distinto cavalheiro, conceituado comerciante procedente daquela praça” e publicada em 24 de janeiro de 1894, quando o sítio já estava finalizado. Conforme o entrevistado, os federalistas ao entrarem na cidade começaram a saquear as casas comerciais e algumas residências e muitas construções foram incendiadas. Entre elas, a livraria:

A Livraria Popular, a carpintaria e a fábrica de massas de Cirone & Irmão, conhecidos por suas opiniões ‘federalistas’. Esses estabelecimentos foram, antes de incendiados, inteiramente roubados pelos invasores. Além destas, muitas outras casas foram roubadas e incendiadas, mas de que o informante de momento não se recorda (DIÁRIOPOPULAR, Pelotas, 24/01/1894).

Ao comparar a fotografia de Greco com o que foi descrito no jornal algumas observações e possibilidades de hipóteses de análise podem ser desenvolvidas. Primeiro, o *Diário Popular* era o órgão do Partido Republicano em Pelotas e, portanto, favorável a Júlio de Castilhos e aos republicanos na Revolução. A entrevista não revela o nome do informante, apenas o adjetiva





como “distinto cavalheiro” e “conceituado comerciante” no sentido de passar ao leitor de que se tratava de uma pessoa séria e idônea, ou seja, sua fala expunha uma versão “real” dos fatos ocorridos durante o sítio em Bagé. Por outro lado, a ideologia defendida pelo jornal poderia incrementar a entrevista dando ao texto um teor mais trágico e um perfil mais perverso aos federalistas, aqui chamados de ladrões e invasores<sup>5</sup>.

Segundo, essa comparação permite considerar a fotografia, assim como diversas outras imagens, não como uma simples ilustração ao que é narrado pelo texto ou apenas um meio de comprovação de outra fonte analisada. A fotografia é em si uma fonte passível de análise: “As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou” (KOSSOY, 2012, p. 34). A fotografia de José Greco analisada neste momento pode assim ser considerada, visto que ela permite interpretações a partir do campo visual do fotógrafo que evidencia um cenário único para abordar aquele momento específico da realidade que ele captou.

A fotografia ainda captou três homens, os quais parecem posar diante do cenário de destruição para o fotógrafo. Os três estão com o olhar voltado para o mesmo foco: parece que eles sabem que a lente da câmera irá registrá-los na frente dos prédios atingidos. Dois deles são soldados republicanos assim identificados devido a suas vestimentas. O primeiro está mais composto do que o segundo, ele está com fardamento completo embora seu quepe esteja um pouco desajeitado em sua cabeça<sup>6</sup>. O segundo aparece sem a jaqueta que compõe seu traje militar, substituída por um pala; além do quepe, ele carrega uma espada em sua cintura. Já na extremidade da foto aparece outro homem, possivelmente se trata de um civil, que apenas observa os resultados do conflito.

---

<sup>5</sup> Durante todo o período da Revolução Federalista de 1893 o *Diário Popular* publicou artigos e notícias sobre os conflitos e batalhas ocorridas no estado sempre se posicionando favorável aos republicanos. Além do trecho citado, outros desta entrevista deixam mais evidente como o jornal intensificava o tema defendendo as cores republicanas.

<sup>6</sup> Não existem informações para confirmar que se trata de soldados republicanos, mas ao compará-los com outras fotografias de Greco que registram tropas ou lideranças republicanas o uniforme usado por eles são iguais. Além disso, ambos estão usando quepe.



Figura 2: Trincheira da Rua Conde de Porto Alegre.  
Acervo: Fototeca Túlio Lopes/Museu Dom Diogo. Bagé-RS.

Na segunda fotografia, um outro espaço da cidade surge, novamente uma rua, mas o registro também capta soldados e observadores (Figura 2). Nesta, ao contrário da primeira fotografia analisada, não se tem dúvidas de que se trata de soldados republicanos, já que a maioria dos homens está uniformizada. A fotografia foi feita a partir da Rua Conde de Porto Alegre em direção à Praça da Matriz, a qual aparece em segundo plano. Nela se identifica uma das várias trincheiras construídas nas ruas da cidade pelos republicanos e em seu centro é possível notar uma das peças da artilharia do exército. Percebe-se que os soldados estão de prontidão atrás da trincheira erguida com terra, pedras e pedaços de madeira. Alguns empunham armas e outros, apenas lanças. Na frente da trincheira uma carroça com dois barris os quais, provavelmente estavam vazios, já que seria arriscado deixar um barril – se ele fosse de pólvora – desprotegido e na linha de tiro do inimigo.



O perigo nas trincheiras foi sempre iminente ao longo dos dias em que o sítio perdurou. Novamente é uma matéria veiculada no *Diário Popular* que demonstra essa condição: “No dia 7 do corrente, ao sentir o inimigo a aproximação da força do Coronel Sampaio, tentou um derradeiro esforço atacando um reduto sitiado junto a trincheira e incendiando junto a ela uma casa, com o intento de se tornar menos visível pelo fumo desprendido pelo incêndio” (*Diário Popular*, Pelotas, 03/02/1894). O jornal divulgou esta notícia já no período posterior ao sítio e não se refere, de maneira específica, a trincheira da fotografia; contudo, sua descrição da atividade em uma trincheira não se distancia da realidade que fora vivida pelos soldados fotografados por Greco.

Outro detalhe percebido na fotografia está nas paredes da Igreja Matriz de São Sebastião, na Casa Paroquial e na casa que está no canto direito da fotografia: é possível identificar as marcas dos tiros das armas dos federalistas dirigidos contra os soldados republicanos que estavam naquela trincheira. A Catedral se transformou no principal reduto dos republicanos comandados pelo Coronel Telles e as trincheiras foram erguidas nas ruas próximas da praça. A igreja se transformou em hospital de sangue enquanto os corpos dos soldados republicanos mortos em combate eram enterrados nas paredes laterais (FAGUNDES, 2005, p. 71). As marcas das balas federalistas também aparecem na torre da igreja, já que ela foi utilizada como posto de observação pelos republicanos que, assim, avistavam a movimentação dos inimigos.

Greco enquadrou a trincheira em seu campo de visão permitindo que ela fosse vista em seu todo, de um lado ao outro da rua. A distância entre o fotógrafo e a trincheira resultou numa imagem que extrapolou a trincheira incluindo nela algumas pessoas que estavam fora da área de proteção republicana e ao lado direito da trincheira. Nesta parte da fotografia é possível identificar militares e civis devido a suas vestimentas. No grupo também aparece uma criança que parece fazer uma pose para o fotógrafo. As pessoas que estão do lado desprotegido contrastam com os soldados que estão na linha de frente da batalha. O grupo aparece descontraído, conversando, alguns observam o ato fotográfico e outros estão com seu olhar voltado para a trincheira.

Já os soldados estão atentos e aqueles que estão com as armas empunhadas parecem mirar, justamente, o fotógrafo que está “no lado” federalista. A diferença entre os dois grupos enquadrados na mesma fotografia e a posição do fotógrafo demonstram que no instante em que a



o registro foi feito não acontecia nenhum embate. A imagem captada vai ao encontro de várias outras feitas por ele, as quais, como já apontado, apresentavam os espaços urbanos e os resultados da guerra, fosse no momento anterior ou posterior, mas nunca com imagens chocantes. A fotografia analisada foi feita nessas condições. Ela apresenta uma trincheira já confrontada pelos federalistas conforme as marcas das balas e a casa ao lado, que não possui mais as aberturas, exemplificam. A trincheira, no entanto, ainda seria novamente atingida pelo poder de fogo dos maragatos. Retornando ao grupo dos soldados é possível, então, apontar que a provável tensão transmitida na fotografia fosse momentânea, ou seja, os republicanos estavam preparados para combater os federalistas e assim se deixaram fotografar transmitindo seriedade, armados e empunhando suas armas embora o combate já tivesse ocorrido enquanto outro estava para começar.

Sandra Koutsoukos, ao analisar as fotografias de negros feitas a partir da segunda metade do século XIX no Brasil, faz a seguinte indagação: qual o motivo de uma pessoa se fazer retratar? Conforme a autora, “O retrato representa, sobretudo, o desejo de lembrar e de ser lembrado da melhor forma possível” (KOUTSOUKOS, 2010, p. 84). Pergunta semelhante pode ser aplicada ao grupo de soldados fotografado por Greco sendo que as respostas permitem apenas possibilidades. Como já apontado, a posição dos soldados transmitia a preparação do grupo para o combate e, assim, passavam seriedade e motivação para a vitória. Outra possível resposta está na tentativa dos soldados em serem lembrados como defensores da cidade e integrantes do exército republicano que poderia se consagrar vitorioso.

A fotografia resistiu à passagem dos anos e pode ser vista e analisada no presente. No entanto, a lembrança daqueles soldados se perdeu, seus nomes não foram anotados no verso da fotografia e nenhum registro oral com eles a partir da imagem foi feito. Contudo, considerando as informações que chegaram ao presente como, o local fotografado, o nome do fotógrafo e o motivo da trincheira, é possível averiguar o que pode ser chamado de vontade coletiva dos soldados em se deixarem fotografar na tentativa de serem lembrados, no futuro, no momento em que se preparavam para entrar em ação – mais uma vez – naquela trincheira.

## Considerações finais



O sítio de Bagé findou em janeiro de 1894 com uma vitória para os republicanos. Os federalistas, após 46 dias e noites de cerco, desistiram e retiraram-se da cidade com um exército constituído por 1.100 homens (SILVEIRA, 1993, p. 137). A Revolução Federalista, contudo, ainda não findava naquele começo de ano e se estenderia até 1895 com novos enfrentamentos pelo estado. O confronto entre republicanos e federalistas em Bagé ocasionou destruições no espaço urbano da cidade, seu comércio foi saqueado e incendiado, sua matriz foi alvejada, suas ruas foram obstruídas devido à construção das trincheiras. As fotografias de José Greco constituem-se num registro visual dessa situação e demonstram a sua atitude em concebê-las. O fotógrafo acostumado em realizar fotografias ambientadas em estúdios ou de paisagens agora realizava um trabalho semelhante aquele do fotógrafo de guerra produzindo as imagens que se tornariam um documento visual fundamental à compreensão do sítio de Bagé.

As duas fotografias de Greco analisadas exemplificam a importância do conjunto de fotografias sobre os conflitos ocorridos em Bagé e demonstram a relevância de seu estudo como documentos da Revolução Federalista de 1893. Fotografias sobre este conflito foram publicadas por outros autores, mas apenas serviram para ilustrar ou comprovar os argumentos defendidos sem merecer um destaque como uma fonte autêntica e única sobre a guerra civil ocorrida no estado a partir de 1893<sup>7</sup>. A proposta do artigo visou abordar o conflito a partir das fotografias considerando-as como meios possíveis à compreensão deste tema, ou seja, elas são evidências históricas da Revolução, são registros de “atos de testemunho ocular” (BURKE, 2004, p. 17). Dessa forma, o artigo se propôs a investigar os indícios identificados em apenas duas fotografias produzidas no calor da guerra, mas não se restringiu apenas à sua materialidade e, sim, objetivou compreender o contexto de sua produção e as possíveis mensagens captadas pelas lentes da câmera do fotógrafo José Greco.

## Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande: FURG, 1993.

---

<sup>7</sup> Em *A Guerra Civil de 1893* de Sergio da Costa Franco (2012) algumas fotografias sobre o sítio de Bagé aparecem no final do livro. Já na obra organizada por Zita Possamai (1993), intitulada *Revolução de 1893*, as fotografias foram aproveitadas nos intervalos de determinados capítulos.



- BRASIL, Luisa Kuhl. **Retratos em (re)vista**: do estúdio à imprensa ilustrada em Bagé, 1890-1921. Porto Alegre, 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013, 145p.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- COSTA, Marcos Vinicius. A Revolução Federalista (1893-1895): O Contexto Platino, as Redes, os Projetos e Discursos Construídos pela Elite Liberal-Federalista. **História em Reflexão**. Dourados: UFGD, v.3, n.6, jul-dez, 2009, p.1-20.
- DIÁRIO POPULAR, Pelotas, 1893-1894.
- FABRIS, Annateresa (org.). **Fotografia**. Usos e funções no século XIX. São Paulo: EDUSP, 2008.
- FAGUNDES, Elizabeth Macedo de. **Inventário Cultural de Bagé**: um passeio pela história. Porto Alegre: Evangraf, 2005.
- FLORES, Hilda (org.). **Revolução Federalista**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **A Guerra Civil de 1893**. Porto Alegre: Renascença/Edigal, 2012.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- KOUTSOUKOS, Sandra. **Negros no estúdio do fotógrafo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.
- LAGO, Bia; LAGO, Pedro Corrêa do. **Os fotógrafos do Império**. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2005.
- LEMIESZEK, Cláudio. **Bagé**. Relatos de sua história. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.
- MONTEIRO, Paulo. **Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo**. Passo Fundo: Berthier, 2006.
- PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- POSSAMAI, Zita (Org.). Revolução de 1893. In: **Caderno Porto & Vírgula**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- POSSAMAI, Zita. **Cidade Fotografada**: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre décadas de 1920 e 1930. Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, 287p.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador**. Dom Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVEIRA, José Luiz. Coronel Carlos Maria da Silva Telles. Herói comandante da defesa de Bagé. In: FLORES, Hilda (Org.). **Revolução Federalista**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993, p.135-138.





WASSERMAN, Claudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz (et. Al.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p.273-289.

*Recebido em Julho de 2013.*  
*Aprovado em Agosto de 2013.*